
FUNDAÇÃO DA CIDADE DE CAMPO MOURÃO SOB A PERSPECTIVA DAS NARRATIVAS DA HISTORIOGRAFIA LOCAL

Dr. Astor Weber  0009-0001-6210-8995
Universidade Estadual do Paraná

RESUMO: O objetivo deste estudo de História Pública é analisar a influência de possíveis narrativas mitológicas na história da fundação da cidade de Campo Mourão (1947) produzidas em livros (1975 a 2018) por um público de pesquisadores locais não acadêmicos. Como parâmetro conceitual para o estudo foram aplicados e adaptados os conceitos de Idade de Ouro e Salvador/Heróis propostos por Raoul Girardet (1987). Para realizar essa análise fez-se um estudo comparativo entre esses relatos. Conclui-se que, a historiografia local esforça-se em produzir uma narrativa positiva e enaltecadora semelhante para relacionar a fundação da cidade e a identidade do mourãoense às qualidades imaginárias heroicas dos seus construtores, os migrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas mitológicas; Migrante; Campo Mourão.

FOUNDATION OF THE CITY OF CAMPO MOURÃO FROM THE PERSPECTIVE OF LOCAL HISTORIOGRAPHY NARRATIVES

ABSTRACT: The objective of this Public History study is to analyze the influence of possible mythological narratives on the history of the foundation of the city of Campo Mourão (1947) produced in books (1975 to 2018) by a public of non-academic local researchers. As a conceptual parameter for the study, the concepts of Golden Age and Savior/Heroes proposed by Raoul Girardet (1987) were applied and adapted. To carry out this analysis, a comparative study was carried out between these reports. It is concluded that the local historiography strives to produce a similar positive and uplifting narrative to relate the foundation of the city and the identity of the Moorish people to the heroic imaginary qualities of its builders, the migrants.

KEYWORDS: Mythological narratives; Migrant; Campo Mourao.



1 INTRODUÇÃO

A produção da escrita da história da cidade de Campo Mourão foi feita principalmente por um público de pesquisadores locais não acadêmicos. O objetivo é fazer a análise dessa narrativa produzida em livros (1975 a 2018) por esse grupo a respeito da origem, formação e fundação da cidade em 1947, representada principalmente na figura do migrante que se deslocou para os Campos do Mourão no início dos anos de 1900. Ou seja, uma reflexão de como esse passado transformou-se em história pelas mãos desse público.

São duas questões analisadas: a narração da origem da cidade e o papel do migrante nessa fundação. Essa pesquisa está atrelada a uma das quatro formas de engajamento do campo de estudo da História Pública proposta Ricardo Santhiago,

[...] que seriam as histórias feitas por coletivos, grupos de memória, comunidades que assumem então a tarefa, muitas vezes sem aquilo que a gente chama de rigor no uso do método histórico, de produzir as próprias histórias ou memórias, um tipo de história pública fortemente ligado à produção de memória (Carvalho Neto; Silva, 2020, p. 305).

Analect Pons em seu texto *De la Historia Local a la Historia Pública: algún defecto y ciertas virtudes* (2020) defende a ideia de que a História Local, em boa medida, combina com a História Pública e que se deve dar a devida importância aos historiadores locais na produção dessa memória/história. Para Pons (2020), nós historiadores devemos ser mais democráticos e pluralistas como profissionais e tratar a história como “una forma social de conocimiento; la obra, en toda circunstancia, de un millar de manos” e que não devemos estar preocupados somente em tornar as pessoas ditas comuns objeto de investigação. Também precisamos não esquecer “las condiciones de existencia de la disciplina y los motivos por los que hay versiones distintas de la misma” (Pons, 2020, p. 78 *apud* Samuel, 2008, p. 20-49).



Para analisar a produção desse grupo de pesquisadores locais se adaptou as reflexões sobre os conceitos de Idade de Ouro e Salvador/Herói trabalhados por Giradet (1987) em sua obra sobre as mitologias políticas francesa, que podem ser usadas para pensar a produção dessas narrativas locais, guardadas as devidas ressalvas teórico-metodológicas.

Embora, se possa encontrar alguma produção acadêmica sobre a história de Campo Mourão, os estudos ainda são relativamente tímidos. Para a proposta desta pesquisa como fonte será utilizada principalmente a produção bibliográfica de 6 (seis) pesquisadores locais: Francisco Irineu Brzezinski (1975); Valderi Santos (1995); Pedro da Veiga (1999); Edna Conceição Simionato (1996; 1999; 2008), Jair Elias Santos Júnior (2018) e Silvestre Duarte (2017). Esse grupo é composto por profissionais das mais variadas especialidades, desde um advogado, jornalistas, uma pedagoga e um historiador que se propuseram a escrever a história da cidade.

O critério que envolveu a escolha dessas obras diz respeito à semelhança quando da ordem cronológica e a escolha dos fatos, os principais personagens envolvidos, a perspectiva e as fontes documentais e visuais adotadas nessas produções. Não são simples memórias de indivíduos sobre a história local, mas há trabalho de pesquisa, documentos e perspectiva histórica envolvida. Esses livros destinam-se a um público mais em específico, os munícipes. São autores contemporâneos que querem contar a história de Campo Mourão.

Girardet (1987) é usado justamente para demonstrar como evocações de um passado mais mitológico podem colaborar na construção do passado. Segundo o autor, os historiadores e antropólogos tendem a ver o mito como “o tempo fabuloso dos começos”, da confusa mistificação - “ilusão, fantasma ou camuflagem” - ou entendê-lo “em função de animação criadora”. Embora, não ignore nenhuma dessas três formulações para explicar o mito político, da “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real”, acredita-se que o mito político “exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do



presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos” (Giradet, 1987, p. 13). Sendo que “as manifestações do imaginário político apresentam, com efeito, certo número de traços comuns” (Giradet, 1987, p. 14)”. Ainda conforme o autor, “o mito político aparece assim, do ponto de vista da observação sociológica, como tão determinante quanto determinado: saído da realidade social, é igualmente criador de realidade social” (Giradet, 1987, p. 184)”. O uso de traços característicos semelhantes pela historiografia local colabora na formação de uma identidade mourãoense por meio desse passado evocado dos seus fundadores.

O objetivo deste texto é mostrar de forma mais geral como a historiografia local ordena e constrói os fatos relacionados à origem, formação e personagens envolvidos na fundação da cidade de Campo Mourão, influenciados pela ideia de simbolizar esse período como um tempo glorioso da história dos seus antepassados.

Segundo Girardet (1987) o mito, a depender do seu uso, é polimorfo e ambivalente, mas possui certa forma lógica,

[...] reencontra o equivalente de uma coerência nas regras de que parece depender o desenrolar de sua caminhada. Esta pode ser representada e apresenta-se efetivamente **como uma sucessão ou uma combinação de imagens**. Mas nem essa sucessão nem essa combinação escapam a **uma certa forma de organização orgânica**. Elas se inserem em um sistema, inscrevem-se em uma ‘sintaxe’, para retomar a expressão de Claude Lévi-Strauss: em outros termos, **é agrupado em séries idênticas, estruturados em associações permanentes que se apresentam os elementos constitutivos da narrativa que eles compõem** (Girardet, 1987, p. 17, grifo nosso).

É na comparação das narrativas que se buscou essa “certa forma lógica” de construção da história da cidade de Campo Mourão e da identidade da sua população.

Na primeira parte do texto, o trabalho é de demonstrar como há certa coesão de imagens e símbolos entre as narrativas que colaboram na construção de uma história positiva para a fundação da cidade em detrimento de uma imagem do “sertão



mourãoense” do atraso. O nascimento da cidade, da civilização, seria a Idade de Ouro da sua história!

Na segunda parte do texto, será demonstrado como as narrativas usam de uma série de adjetivos positivos semelhantes para heroicizar a vinda do migrante para os Campos de Mourão. São os migrantes, os bandeirantes modernos, que lutaram e sacrificaram-se para amansar o índio e a natureza selvagem do sertão mourãoense.

2 A CAPITAL DA ESPERANÇA

Os livros escolhidos como fonte de análise foram produzidos entre 1975 a 2021 por 6 (seis) pesquisadores locais que se propuseram a escrever sobre a história de Campo Mourão. A história da origem, da formação e da fundação da cidade é contada de forma semelhante, tendo ocorrida com a vinda de famílias de migrantes a partir do ano de 1903 para os Campos do Mourão e culminada com a criação da cidade de Campo Mourão no ano de 1947. A produção de seus textos não passou pelo crivo acadêmicoⁱ, mas alguns foram financiados pelo poder público municipal, outras tantas produzidas por iniciativa particular. Um dos principais públicos-alvos dos livros, são os próprios munícipes.

A cidade de Campo Mourão está geograficamente localizada na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense que abrangia, no início da década de 1900, os Campos do Mourão e/ou o território indígena *Pahy-ke-rê*, campos do chefe ou campos do caciqueⁱⁱ. A população estimada é de 95.488 habitantesⁱⁱⁱ, sendo que sua fundação oficial ocorreu em 10 de outubro de 1947. Em um percurso histórico que remete à divisão territorial entre Portugueses e Espanhóis, além dos conflitos e acordos com indígenas, os desmembramentos territoriais com São Paulo, culminando na colonização com imigrantes e migrantes e partilha territorial entre as Comarcas e Distritos do Estado do Paraná.

Os acontecimentos são organizados cronologicamente de forma semelhante nesses livros e considerados os marcos históricos da história de Campo Mourão. Quais



são? Primeiro, a presença espanhola e a fundação de Vila Rica de Espírito Santo em 1589, hoje atual cidade de Fênix-PR e expedições dos bandeirantes (1630-32). Segundo, as expedições de Afonso Botelho (1768-1774) que deram origem ao nome da cidade. Terceiro, o requerimento de posse de sesmarias pelos guarapuavanos em 1880/1883. Quarto, a vinda da família Pereira em 1903, considerado pela historiografia local^{iv} como o início efetivo da colonização na região.

A passagem de agrimensores e topógrafos, nos anos de 1900, também é muito lembrada. Dentre seus feitos estaria a abertura de estradas pelos Campos do Mourão, o desbravamento do sertão e o “amansamento” de índios. Outras datas são evidenciadas como momentos históricos importantes da história da cidade, principalmente, quando da elevação de Campo Mourão de Distrito (1916/1920/1921^v) à Vila (1940) e, finalmente para Município em 1947. Essas datas foram recordadas nos livros por meio de documentos oficiais do município e estado paranaense.

Nas narrativas os conceitos de sertão e de civilização, de bandeirante e de pioneiro são representados como imagens opostas. Sertão é apresentado como sinônimo de atraso, de doenças, de tradicionalismos, enquanto que a cidade como símbolo^{vi} de progresso e civilidade. A cidade é o exemplo para a historiografia local da chegada do desenvolvimento, do progresso e da modernidade ao “sertão mourãoense”. Para Simionato (1999, p. 13) “o marco de civilização a aparecer no antigo sertão guairenho foi à cidade de Campo Mourão”. Vários elementos são evocados pela historiografia local para simbolizar o avanço civilizacional ocorrido com a fundação da cidade, a passagem e a ruptura do passado sertanista^{vii}.

Um dos mitos reforçados nas narrativas é do mito do Novo Eldorado que se concretiza com a fundação da cidade (1947). Os livros enaltecem o nascimento da cidade. Nelson Bittencourt Prado (2021) na produção de artigos nas décadas de 1970/80 apresenta “Campo Mourão como a “pérola engastada na auriverde campina onde ainda piam, de longe em longe, as condornizes e inhambus”, terras por onde passaram os



ataques bandeirantes as missões e cidades espanholas, a “Capital da Esperança” que enfrenta e vence seus desafios (Prado, 2021, p. 67-68). Segundo Girardet (1987):

Em suma, e de maneira mais geral, os contornos dos mitos revelam-se tanto mais difíceis de abarcar quanto os limites aparecem quase sempre singularmente imprecisos entre o que pertence ao domínio apenas do pesar e o que pertence ao domínio também da esperança, entre o que não é senão evocação nostálgica de uma espécie de felicidade desaparecida e o que exprime a expectativa do seu retorno. De fato, existem bem poucas representações do passado que não desembocam em certa visão de futuro, como também, paralelamente, há bem poucas visões do futuro que não se apoiem em certas referências do passado (Girardet, 1987, p. 102-103).

A narração do passado mourãoense em certos momentos torna-se ambígua. Há uma busca por um passado exemplar de luta, de sacrífico, de trabalho, de solidariedade e de comunidade, mas também de símbolos desse passado que lembram a chegada do futuro aos Campos do Mourão. Ao mesmo tempo é uma espécie de Idade de Ouro da história de Campo Mourão que não deve ser esquecida, porém concomitantemente é o momento quando seu passado da aldeia, do arraial e da vila foi superado com a fundação da cidade. Para contar essa história a historiografia escolheu datas, acontecimentos, personagens e uma perspectiva para caracterizar o avanço civilizacional sobre o sertão mourãoense.

3 NASCE UMA PÉROLA ENGASTADA NO SERTÃO

A historiografia local apresenta o migrante-morador como o construtor da cidade. Os índios são citados, porém seu papel está mais restrito a paisagem da aldeia e da natureza. Já a cidade nasce representada sob o signo do avanço, do rompimento com o atraso do sertão.

A evocação desse passado glorioso torna-se fundamental para identificar o munícipe com a cidade. Para Girardet (1987) as mitologias políticas da Idade de Ouro são evocadas “entre a importância para reconstruir o que foi e esse peso de esperança que a lembrança conserva sempre” (Girardet, 1987, p. 139).



O próprio aceleração das transformações sociais, econômicas e culturais que passa a cidade de Campo Mourão nas décadas de 1990/2000 faz com esse passado-fundador seja motivo de recordações. Em relação a essa influência presentista, Fernando Catroga afirma que “ora, seja como recordação ou como esquecimento, nunca é o passado que se impõe ao presente, mas é este, enquanto permanente tensão e protensão, que vai urdindo as tonalidades – que podem chegar à patologia – de presença do ausente” (Dosse, 2006 *apud* Catroga, p. 21, 2015).

Já no primeiro livro escrito por Irineu Brzezinski (1975), pode-se observar a busca por lembranças da fundação da cidade e a evocação gloriosa desse passado. O autor chama Campo Mourão de Município Modelo para o estado do Paraná, “a gigantesca Campo Mourão” (1975, p. 10-12). O autor acredita que Campo Mourão será a futura capital do estado do Paraná. Pedro da Veiga e Jair Elias dos Santos Júnior em seu livro recuperam a fala de Brzezinski quando afirma que o dia 10 de outubro de 1947 foi o marco da civilização mourãoense, exalta a coragem e a luta incessante da população local (Veiga; Santos Jr., 2009, p. 110-111).

Valderi Santos (1995) também enaltece o território mourãoense por ser o lugar onde “as raças se misturavam”. Para o autor, além do entroncamento rodoviário do Paraná, que fazia Campo Mourão ser especial, era o lugar do encontro das populações mineiras, paulistas, sulista e paranaense.

Datas, documentos, acontecimentos oficiais são agrupados nos livros e organizam de forma sistemática a narrativa para demonstrar como se dá o nascimento da cidade sobre o sertão dos Campos do Mourão. Sendo assim, em 1916, os Campos do Mourão torna-se Distrito Policial, instalado em 1921, pertencente a Guarapuava até o ano de 1943, quando passou a ser distrito do município de Pitanga. As narrativas afirmavam que essas mudanças traziam melhorias estruturais, acabavam atraindo cada vez mais pessoas e fazendo os Campos do Mourão crescer. Tanto que, em 1943, criou-se a Inspeção de Terras de Campo Mourão e começou-se a formar uma vila nesse território. Essas mudanças fizeram com que as famílias comessem a se enraizarem



nas terras mourãoenses. O crescimento provocou a “luta pela independência” do então distrito que ocorreu pela lei n. 2 do dia 10 de outubro de 1947, sendo que o território foi desmembrado do município de Pitanga, com uma extensão do Rio Ivaí ao Piquiri. O primeiro Prefeito Municipal foi Viriato de Souza. “Quase um ano mais tarde, em setembro de 1948, foi criada a Comarca, cuja instalação deu-se a 28 de janeiro de 1949^{viii}” (Brzezinski, 1987, p. 19-20).

Brzezinski (1975) relata que a criação da Inspetoria de Terras e a construção de estrada de rodagem ligando Campo Mourão a Maringá proporcionou um grande impulso ao progresso do município, atraiu colonos que vieram para a região criar porcos, plantar café e derrubar as matas. A estrada para Guarapuava também sofreu melhorias (Brzezinski, 1975, p. 25-28). A emancipação também se deve ao governador Moysés Lupion “que tinha nesta localidade bons amigos, a ponto de na eleição que disputara, ter tido seu opositor apenas um voto (...)” (Brzezinski, 1975, p. 29).

Para o pesquisador local Pedro da Veiga *Campo Mourão: Centro do Progresso* de 1999, o município criado em 1947 juntamente com mais 22 outros municípios no Paraná, “tivera uma lerda evolução, desde o momento de seus primeiros povoadores, nos primórdios do século XX” (p. 43). Na Ata da Instalação (28/01/1949) que pode ser encontrada em sua íntegra na sua obra, além da Comarca de Campo Mourão ser instalada como cidade sede, também são constituídos os Distritos do Município. Na Ata é reforçada a ideia de progresso, se agradece ao governo de Moysés Lupion e deputados, assim como, as autoridades locais pela possibilidade da criação do município de Campo Mourão. Na Ata de Instalação Edmundo Mercer Junior lembrou alguns fatos históricos de Campo Mourão e homenageou os “pioneiros desta civilização, mineiros, paulistas e paranaenses que fizeram e engrandeceram esta terra” (Veiga, 1999, p. 51-52). Segundo a historiografia local, o acordo entre Lupion e algumas pessoas influentes foram decisivos para a criação do município de Campo Mourão.

Para Simionato quem teve “a iniciativa de transformar Campo Mourão em município foi o Sr. Francisco Albuquerque, chamado na época de ‘Tio Chico’”



(Simionato, 1996, p. 20). Segundo Pedro Viriato, devido às amizades que possuía em Curitiba, por ser da capital e em função dos vários municípios que o governador Moisés Lupion estava criando no Paraná, Tio Chico pediu para que o político solicitasse a criação do município de Campo Mourão. Lupion aceitou e o município foi criado (Simionato, 1996, p. 20-21). Simionato (1999) afirma que graças ao empenho dos líderes locais do PSD (Partido Social Democrático) deu-se a emancipação político, territorial e administrativa do município de Campo Mourão em 1947 (Simionato, 1999, p. 21).

No ato de instalação do Município de Campo Mourão em 1947, foram proferidos dois discursos, um do Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública Dr. João Teophilo Gomy Júnior e outro pelo Governador Moysés Lupion. No discurso, João Teophilo faz uma recuperação da parte da história do Paraná e chega até a criação dos 23 municípios em 1947. Elogia os bandeirantes, os desbravadores do sertão inóspito que se dedicaram “de corpo e alma ao progresso” do Estado, faz elogios ao baiano primeiro Presidente da Província do Paraná Zacarias de Góes Vasconcelos, a natureza prodiga, ao norte que progride incessantemente, Distritos que se tornam Municípios. Elogia o Governador Lupion por criar 23 municípios que como “colmeias, cujas abelhas trabalham sem cessar pela sua grandeza e pela sua prosperidade” e, por fim, destaca os desbravadores, os povoadores, os líderes políticos que “trabalham e lutam pela grandeza” de um “Paraná MAIOR” (Veiga, 1999, p. 105-108).

Nos livros, a narrativa esforça-se em creditar a criação do município em 1947, mais ao esforço de alguns moradores locais que teriam pressionado o governador Lupion a um acordo, do que apenas à iniciativa do poder estatal. Embora, haja essa iniciativa local também é perceptível o interesse do governo em criar municípios em todo o estado do Paraná. A criação do município somente veio após um acordo político imposto pelo governo. O sucesso desse acordo foi tamanho que o candidato adversário de Lupion na eleição recebeu somente um voto.



Esse nascimento da cidade é festejado^{ix} pela historiografia local como momento em que o “sertão”, a “mata virgem e agressiva” são desbravadas, amansadas e modernizadas. As trilhas foram sobrepostas por estradas, o nomadismo por um núcleo urbano e das roças, surge assim a primeira safra agrícola. Instrumentos começam ser lembrados e tornam-se representantes dessa modernidade que começa a “invadir o sertão mourãoense”: as enxadas, os machados, as foices, as picaretas, as carroças e outros^x.

Durante esse período de 1900/1947, outros elementos começam a fazer parte do simbolismo do progresso. Surgem casas comerciais, há um aumento da industrialização, há construção de estradas, há vinda da energia elétrica^{xi}, há a construção de espaços de lazer, de hotéis, de um cemitério, de prédios públicos, escolas^{xii}, de igrejas, de praças, de um Cartório de Registro Civil, da Câmara de Vereadores, da cadeia pública e outros. Lotes, ruas e avenidas foram demarcadas nesse período.

Outra questão destacada nos livros diz respeito à solidariedade econômica entre os moradores nesta época, segundo Santos Júnior “a base inicial do comércio^{xiii} era a ‘confiança’. Os produtores e moradores compravam mercadorias e “pagavam ao fim do mês ou quando possível. A garantia era a ‘confiança’, ou melhor, o ‘fio do bigode” (Santos Júnior, 2018, p. 145). Exemplo que deve ser lembrado as gerações futuras.

Na apresentação da sua obra Simionato (1996) afirma que a intenção do livro é de levar “ao conhecimento dos alunos da rede municipal, informações desde as origens até a época em que a região de Campo Mourão enfrentou rápido progresso, oriundo da ocupação e da colonização”. A autora, em 2008, apresenta o livro como um manual a ser seguido para o ensino de história local. O historiador local Jair Elias Santos Júnior disse que com Pedro da Veiga aprendeu “a amar nossa história, tão desconhecida da maioria da população mourãoense” (Santos Jr., 2004, p. 18). Dedicar parte do seu tempo a escrever sobre a história do município. Para ele, o verdadeiro cidadão é aquele que conhece sua história. Sobre a importância da relação história e historiador, segundo



Santos Jr. “a história, por si só, não é completa, e compete aos pesquisadores encaixar as peças deste imenso quebra cabeças. [...] e é isso que fizemos ao relatar informações que são importantes para o resgate e a pesquisa da história de Campo Mourão” (Santos Jr., 2004, p. 22).

No final da década de 1940 já é possível se perguntar: Cadê o sertão dos campos do Mourão?

Porém, um acontecimento não salientado por essa historiografia local, talvez mais por desconhecimento, foi a execução do Plano de Colonização oficial das terras do município pelo estado paranaense ocorrida a partir de 1939, que acelerou a transformação econômica e social local, trabalhado em artigos, em dissertações e em teses acadêmicas^{xiv}. Houve a formação de glebas, lotes urbanos e rurais que transformaram a paisagem rural do município e, conseqüentemente, da cidade também. A comercialização das terras na década de 1940 trouxe a possibilidade do deslocamento de mais migrantes e o surgimento da cidade.

Tanto a perspectiva da história da origem da cidade pode ser controversa como a escolha da importância dos fatos e da participação dos sujeitos envolvidos nessa história. Essas escolhas tornam-se arbitrárias e excludentes. Porém, pode-se dizer que o enredo narrativo da historiografia local é semelhante quando representa o passado da fundação da cidade como um momento histórico glorioso da sua história que deve ser assim descrito às futuras gerações mourãoenses.

3 ERAM SÓ ELES E DEUS

Em sua grande maioria, os traços evocados nos livros para lembrar o passado migrante (1903-1947), são constituídos de características qualitativas semelhantes. Tendem a destacar o migrante como o pioneiro, como o personagem que se sacrificou, lutou, conquistou e desafiou as agruras da natureza selvagem para desbravar o sertão dos Campos Mourão. Feitos que culminaram com a fundação da cidade de Campo Mourão. Uma espécie de “bandeirantes modernos” construtores da cidade e formadores



da identidade mourãoense. Como afirma Girardet (1987), constatação que parece caber bem na forma como as narrativas evocam o passado migrante, não importa o modelo de herói a característica comum entre eles é de “um lutador, um combatente” (Girardet, 1987, p. 80).

Segundo Simionato (2010) “com a chegada da família Pereira, em 1903, nossos campos eram apenas um vasto sertão. *Eram só eles e Deus*. Somente em 1910 é que foram chegando seus parentes”. Outras famílias de diversos Estados foram chegando para “plantar, criar animais e explorar os sertões, até então inexplorados” (Simionato, 2010, p. 27). Nessa parte da narrativa se desconsidera a presença e o “trabalho de exploração” indígena da natureza anterior à chegada das famílias dos migrantes^{xv}.

O temor pela perda dessas lembranças, há busca por uma identidade relacionada a esse passado “heroico-migrante” é uma característica dessas narrativas. Preocupações contemporâneas de seus autores com a identidade mourãoense que deve ser repassada às futuras gerações.

Não que a presença dos índios na história de Campo Mourão não seja mencionada nos livros, mas não é esse o personagem construtor-fundador da identidade e da cidade de Campo Mourão. São considerados mais um obstáculo a serem “amansados” ou vencidos, pois seu comportamento e a sua organização social e cultural não se enquadram na proposta de organização social e cultural cidadina e de identidade local.

Agora, o que parece ser contraditório com a afirmação acima, é quando se caminha pelo centro da cidade de Campo Mourão e se depara com o nome da principal avenida, recebendo o nome de um índio, o Capitão Índio Bandeira. No entanto, esse não era o nome originário desse chefe indígena e essa homenagem é muito mais usada para simbolizar que o “amansamento” do indígena nos Campos do Mourão, deu certo. Tanto que, segundo grande parte da historiografia local, esse chefe indígena teria colaborado e se juntado à luta civilizatória do migrante-pioneiro pela conquista do sertão^{xvi}. Para Girardet (1987) a luta contra um inimigo comum “rondando as portas da Cidade”, o



temor frente ao “outro”, a imagem do “bárbaro”, desempenha um papel essencial na coesão coletiva “o sentimento de sua estranheza e da ameaça que esta representa para a segurança do grupo e para a manutenção de seus valores tradicionais” (Girardet, 1987, p. 188).

Mesmo antes da vinda dos migrantes, topógrafos e agrimensores, contratados pelo Estado para abrirem caminhos/estradas pelo “sertão mourãoense” nos finais do século XIX e início do século XX, são elogiados nos livros já como “desbravadores e amansadores de índios” (Veiga, 1999, p. 79). Valderi Santos comenta sobre uma dessas estradas, a Estrada Boiadeira que para o autor é um acontecimento fabuloso heroico, iniciado em 1771, com o valente sertanista Francisco Martins Lustosa, não continuada e retomada somente depois de 120 anos, lá pelos idos de 1900, pelos guarapuavanos que “foram à luta munidos de enxadas, machados, foices, picaretas e outros instrumentos de trabalho. Era o início de uma estrada que se tornaria mito” (Santos, 1995, p. 122).

Inclusive muitos desses personagens da história de Campo Mourão descritos nos livros antes da vinda dos migrantes são homenageados tendo seus nomes gravados nas ruas, nas escolas, nas avenidas, nas praças, nos logradouros públicos da cidade. Essas homenagens são estendidas aos migrantes e até monumentos são construídos para saudar os tempos gloriosos dessa história^{xvii}. Afinal, foram esses homens e mulheres que enfrentaram as dificuldades cotidianas que o sertão lhes impunha. A natureza era um obstáculo a ser vencido. Não somente o índio precisava ser amansado, mas também a natureza. Segundo Edina Simionato^{xviii}, o seu livro é uma homenagem “as mulheres heroínas que deixaram suas famílias, seus sonhos, seu conforto para enfrentarem uma terra inóspita, acompanhando pais ou maridos” (Simionato, 2010, p. 21). Segundo Girardet (1987), a construção da figura do herói se dá mediante sacrifícios, ao apelo da partida “de um convite a abandonar os muros de uma casa muito estreita, a sair dos caminhos demasiado bem balizados que levam a ela, de um repúdio desdenhoso de seu conforto e de seu torpor” (Girardet 1987, p. 93). Silvestre Duarte (2017) destaca a presença família Pereira nesse enfrentamento à terra selvagem



[...] os primeiros tempos em Campo Mourão foram marcados pela cooperação e solidariedade entre os moradores para enfrentar o isolamento dos grandes centros, as agruras da terra, da selva, do sertão sem fim, os temporais, as cheias dos rios e os grandes felinos que apareciam nos ranchos para comer os porcos. O isolamento ainda se estenderia por quase quatro décadas (Duarte, 2017, p. 51).

Pode-se dizer que há nessas narrativas uma busca por um “tempo de antes”, de um tempo glorioso, de um tempo exemplar que faz frente à moral individualista do tempo presente. Para Girardet (1987),

Com algumas nuances, todo o sonho, toda a recordação, toda evocação de uma idade de ouro qualquer parece, com efeito, repousar sobre uma única e fundamental oposição: a do outrora e do hoje, de um certo passado e de um certo presente. Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o ‘tempo de antes’ e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir (Girardet, 1987, p. 105).

Logo no início do seu texto, Valderi Santos (1995), em *Formação histórica do território da microrregião de Campo Mourão*, elogia os pioneiros que, como uma espécie de heróis que “nunca recuavam”, avançaram pelos sertões mourãoenses e trouxeram desenvolvimento e progresso à região.

Para Veiga (1999), Campo Mourão só pôde conseguir se projetar no cenário municipalista estadual e nacional “pela participação convergente e construtiva de seus elementos humanos, desde muito antes da emancipação”. Essa participação “é a somatória de qualidades pessoais, de especialidade ativa e de tradições em que as realizações do passado se religam as construções do futuro, pelo trabalho do presente, compondo os quadros da história” (Veiga, 1999, p. 12). O autor considera a sua pesquisa um primeiro esboço dessa história, tendo como objetivo “perpetuar a memória dos vultos pioneiros desta terra...” (Veiga, 1999, p. 12).

Um costume que é bastante elogiado nos livros é a prática do trabalho do migrante, característica do processo civilizatório que os Campos do Mourão passava.



Jair Elias Santos Junior (2018) salienta que as famílias migrantes trouxeram e começaram a produzir outras espécies de cultura^{xix} para a região e “com isso começava a mudança gradual do aspecto primitivo da região onde os pioneiros escolheram para habitar” (Santos Júnior, 2018, p. 101). Edina Simionato (1999) afirma que “os alimentos consumidos pelos colonizadores eram gerados internamente, ou seja, pela economia local” (Simionato, 1999, p.40). Portanto, teriam sido essas práticas civilizatórias moldadoras e provocadoras da mudança que ocorria no “estado primitivo” da natureza.

Os dados estatísticos locais também são usados pela historiografia local como elementos narrativos para confirmar que a característica qualitativa do migrante, a prática constante do seu labor cotidiano modificam o “aspecto primitivo” da natureza sertanista. Simionato (1999) utiliza das informações do IBGE^{xx} de 1948 para enaltecer o trabalho e as atividades cotidianas do migrante que teriam sido fundamentais para o desenvolvimento da economia local. Nas primeiras décadas de 1900, eram pequenas atividades que variavam desde a produção de erva-mate, da derrubada de madeira como o pinheiro, o uso do mel e da cera da abelha e da pele de animais silvestres. O destaque eram as plantações do milho e da cana-de-açúcar, principais culturas agrícolas”. Vários desses produtos serviam como base de troca para adquirir mercadorias em Pitanga e Guarapuava^{xxi}. Havia também muita plantação de café, criação de gado bovino, plantação de algodão e a criação de porcos que dava muito lucro (Simionato, 1999, p. 39-42).

Silvestre Duarte dá destaque para a criação suína iniciada por volta de 1930 e que se tornou no primeiro ciclo econômico da região na década de 1940. A safra suína “gerou riqueza e alavancou na região a cafeicultura na década de 1950, com a grande expansão do Estado, no primeiro mandato do governador Moysés Lupion (1948-1951)” (Duarte, 2017, p. 151). Segundo Pedro da Veiga, devido ao terreno formar uma planície vasta, facilitava os trabalhos agrícolas mecanizados. A região já possuía “6 fábricas de aguardente, 22 engenhos que fabricam rapaduras e açúcar, havendo também uma excelente serraria^{xxii}” (Veiga, 1999, p. 143-144).



A qualidade comunitária e solidariedade dos migrantes também são destacadas. Essa prática comportamental exemplar possibilitou o enfrentamento das dificuldades que a “vida selvagem no sertão” nos Campos do Mourão impunha sobre seus moradores. Essas qualidades, constantemente ressaltadas nos livros, caracterizariam essa luta, sacrificial e trabalho diário do migrante na construção do que veio ser a cidade de Campo Mourão.

Nessa época, segundo Santos Junior (2018), não havia pessoas habilitadas para o tratamento de saúde. “As famílias ganhavam os filhos em suas próprias casas, sendo atendidas de maneira voluntária por Maria Francisca de Jesus, que se tornou a parteira oficial, popularmente conhecida por ‘Mariquinha’” (Santos Junior, 2018, p. 102). Ainda,

A combinação dos vizinhos garantia a sobrevivência na selvagem região. A cooperação mútua existente consistia em reunir os moradores e escolher dois ou três para que encarregassem da viagem. Eles agrupavam os cargueiros de cada morador e saíam para fazer compras para todos. A viagem pelo sertão era feita por uma pessoa a pé indo à frente, com um facão cortando o mato para a passagem dos cargueiros (Santos Junior, 2018, p. 102).

No seu livro, Duarte (2017) conta sobre as dificuldades das viagens até Guarapuava e as privações por que passavam os moradores nos primeiros tempos da colonização. Sua produção era praticamente para o consumo “praticavam uma economia doméstica, cabocla, crioula”, os produtos eram para a sua subsistência. “Portanto, desde cedo os pioneiros experimentavam um sistema sustentável, de cooperação coletiva, praticavam escambo e solidariedade, de bem com a vida e a natureza” (Duarte, 2017, p. 51-52). Mesmo com as dificuldades, com o trabalho árduo, havia muito lazer e respeito com os mais velhos.

Além das virtudes morais, as práticas cotidianas e ao poder de readaptação dos migrantes também são elogiados o seu poder de incorporação social e política que a nova organização político-administrativa impunha sobre o sertão, fundamentais para a formação da cidade durante as décadas de 1920 a 1940.



Com o avançar das décadas no século XX, os migrantes começam a se organizar, a ocupar funções políticas, sociais e econômicas necessárias a formação da cidade para além das já trazidas: lavradores, comerciantes, professoras, padres e outros. Alguns dos primeiros migrantes, dessa leva de 1903/1910/1920 assumem papéis sociais novos como a função de delegado de polícia, inspetor, vereança e prefeitura. Por exemplo, “o senhor Joaquim foi Delegado de Polícia de 1938 a 1942”, também foi prefeito e vereador, outro se tornou escrivão, “ele registrou o primeiro casamento realizado em Campo Mourão, no dia 3 de dezembro de 1921” (Lara, 2003, p. 159).

As narrativas destacam essa capacidade do agora morador em readaptar-se aos novos papéis sociais que as profissões exigem com o surgimento da vila/cidade. A experiência de base de troca de produtos entre o migrante-morador dos primeiros decênios do século XX, tão exaltada pela historiografia local, será substituída, superada por uma nova prática de comercialização dita mais moderna e avançada, a monetarização.

Porém, é importante para a historiografia local que as qualidades como a da coragem, a do poder de readaptação, a da honestidade, a da virtuosidade, a do heroísmo e a do espírito de cooperação dos antepassados não sejam esquecidas e que esses comportamentos sirvam de exemplo identitário para a nova geração mourãoense. Como salientado para Girardet (1987), o imaginário do herói que luta e combate deve estar presente, “em suma, o problema essencial permanece colocado – o da passagem da veracidade do fato a sua interpretação mítica, do invencível movimento de transgressão que parte do acontecimento historicamente definível para conduzir à sua leitura imaginária” (Girardet, 1987, p. 53).

Ao que tudo indica, para a historiografia local o sentido da explicação do nascimento da cidade e da identidade do mourãoense, da libertação do passado sertanista/indígena, adquire maior solidez e somente parece ter significado com narrativas que enaltecem as qualidades imaginárias dos seus construtores-fundadores.



Por fim, essa pesquisa compreendeu que os livros são quase que como uma espécie de manuais didáticos da construção da origem da cidade e da identidade local, produzidos por um público de pesquisadores locais que constroem uma narrativa mais positiva, harmônica e semelhante dessa história. Por isso, como sugere o texto de Andréa Telo Corte *et al* (2021) a História Pública é um importante instrumento de estudo das comunidades locais que pode trabalhar com as diferenças, as diversidades, os conflitos e as ausências (Corte, *et al*, 2021, p. 99). Essa sugestão dada por Corte *et al* (2021) pode fomentar o interesse de outros pesquisadores para estudos sobre a história da cidade de Campo Mourão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se tentou demonstrar há um esforço por parte da historiografia local em agrupar imagens, símbolos e metáforas para identificar a fundação da cidade de Campo Mourão (1903-1947) às qualidades do migrante. A cidade nasce em um tempo glorioso a partir da luta, do sacrifício e do trabalho migrante contra inimigos comuns (o Bárbaro e a natureza).

Se ao mesmo tempo, há uma narrativa saudosista na evocação de um passado exemplar caracterizado pela solidariedade, pela vida comunitária, pela luta, pelo sacrifício e pelo trabalho, também há uma narrativa que se caracteriza pela superação desse passado sertanista e bárbaro. As narrativas deslumbram-se por essa Idade de Ouro, mas também pela sua superação, o que justifica o futuro, a cidade de Campo Mourão. A aldeia indígena, o mito dos Campos do Paiquerê, é substituído/superado novo mito, o Novo Eldorado, confirmado com a fundação da cidade, a pérola engastada que nasce no sertão mourãoense. Continuidade e ruptura, uma narrativa ambígua parece caracterizar as narrativas produzidas nos livros sobre a história da cidade e identidade mourãoense. Futuro, presente e passado se confundem na produção dessas narrativas.



O ato pedagógico também parece ser motivador e objetivar a evocação dessa forma de lembranças. Como se mostraram preocupados Simionato e Santos Jr. em manter a memória da história de Campo Mourão “viva” e que “deu certo”. Talvez, muito mais um temor pelo esquecimento do que pela preservação da lembrança.

A partir dessas reflexões é possível abrir espaço para novos estudos em História Pública com a colaboração desse público de pesquisadores locais, em que pese análises em relação à diversidade, pluralidade, diferenças e conflitos na formação da história das cidades e das identidades locais em parceria com pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. R. de.; MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R. (ORG.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ALMEIDA, J. R. de.; ROVAI, M. G. de O. (ORG.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ARANTES, A. Índio do Brasil. Bandeiras e Bandeirantes. In: **Missões: conquistando almas e territórios**. Secretaria de Estado da Cultura (SEECE). Curitiba: Casa Andrade Muricy, 2009.

BORGES, V. T.; MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R. (ORG.). **Que história pública queremos? What public history do we want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BRZEZINSKI, F. I. **A futura capital**. Curitiba: Editora Juruá, 1975.

BRZEZINSKI, I. R. **Campo Mourão**. Campo Mourão: ICTF – Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná, 1987.

CARVALHO NETO, P. J. de; SILVA, M. de P.; FERNANDES, L. O. A História Pública que queremos: entrevista com Ricardo Santhiago. **Epígrafe**, [S. l.], v. 8, n. 8, p. 283-331, 2020.

CARVALHO, E. B. de. **A Modernização do sertão: terras, florestas, Estado e lavradores na colonização de Campo Mourão, Paraná, 1939-1964**. 2008. 344p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.



CATROGA, F. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FCV, 2015.
CORTE, A. T. da. *et al.* Como fazer a história local se tornar pública, e para quem? *In:* ALMEIDA, J. R. de.; RODRIGUES, R. R. (ORG.). **História pública em movimento**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. p. 89-102.

DUARTE, S. **Da saga dos pioneiros ao Eldorado do Paraná (1887-1963)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2017.

GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
LARA, J. M. **Campo Mourão: 100 anos de desbravamento - 1903-2003: uma homenagem a família Pereira**. Campo Mourão: Kromoset, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

MELLO, R. M. de. **Como a escrita da história é elaborada?: uma breve explicação sobre como os historiadores convertem informações do passado em livros de história**. Curitiba: Editorial Casa, 2022.

MORAES, E. P.; SIMIONATO, E. C. **Principais Avenidas, Ruas, Praças e Logradouros Públicos de Campo Mourão – 1947/2007: Biografias dos Homenageados**. Campo Mourão: FUNDACAM, 2007.

MOTA, L. T. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)**. Maringá: EDUEM, 1994.

MOTA, L. T. Campo Mourão: os territórios do cacique kuaracibera dos guarani, ou os pahy-ke-rê dos kaingangs, ou os Campos do Mourão dos conquistadores portugueses. *In:* MEZZOMO, F. A.; PÁTARO, C. S.; HAHN, F. A. (ORG.). **Constituição de territórios paranaenses: olhares da história**. Assis: Triunfal, 2012. p. 105-143.

MOTA, L. T.; NOVAK, É. da S. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí – Pré-história e relações interculturais**. Maringá: Eduem, 2008.

ONOFRE, G. R. **Campo Mourão: colonização, uso do solo e impactos sócioambientais**. 2005. 206 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

PAGLIARINI JÚNIOR, J. Histórias dos municípios narradas nos seus sites oficiais: a História Pública e seu potencial para a pesquisa histórica. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 247-266, jan./abr. 2017.



PONS, A. De la Historia local a la Historia Pública: Algún defecto y ciertas virtudes. **Hispania Nova: Revista de Historia Contemporánea**, Espanha, n. 1, p. 52-80, 2020.

PRADO, N. B. **Historiografia Municipal de Campo Mourão – PR**: de suas origens até 1970, artigos de Nelson Bittencourt Prado. Campo Mourão: Nova História Editora e Gestão Cultural, 2001.

RADKE, L. A. (COORD.). **Mulheres que abriam Caminhos**. Campo Mourão, Pr: Kromoset, 2008.

SANTOS JÚNIOR, J. E. **A evolução e a História dos símbolos do Município de Campo Mourão**. Campo Mourão: Kromoset, 2005.

SANTOS JÚNIOR, J. E. **Campo Mourão**: a construção de uma Cidade. Campo Mourão, PR: Midiograf, 2018.

SANTOS, J. C. dos. **Construir fronteiras**: nacionalismo e territorialismo no Paraná dos séculos XIX e XX. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2014.

SANTOS, V. **Formação histórica do território da microrregião de Campo Mourão (a origem de seus 24 municípios)**. Curitiba: Composições Eletrônicas, 1995.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão – 50 anos no espiral do tempo**. Campo Mourão: Nerygraf, 1997.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão**: mulheres que fizeram história. Campo Mourão: Kromoset, 2010.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão**: Sua gente... Sua história. 2. ed. Revista e ampliada. Cianorte: Gráfica e Editora Bacon, 1999.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão**: Sua gente... Sua história. 3. ed. Revista e ampliada. Campo Mourão: Kromoset Artes Gráficas, 2008.

SIMIONATO, E. C. **Campo Mourão**: Sua gente... Sua história. Campo Mourão: Kromoset Artes Gráficas, 1996.

VEIGA, P. da. **Campo Mourão**: centro do progresso. Maringá: Bertoni, 1999.

Recebido em: 30-06-2023

Aceito em: 29-09-2023



NOTAS:

ⁱ Sobre a produção acadêmica da história de Campo Mourão consultar a tese intitulada *Territorialidades e identidades mourãoenses pelas narrativas historiográficas (1900/1940)* de autoria de Astor Weber do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível Doutorado – campus de Foz do Iguaçu/Pr. (2021).

ⁱⁱ Consultar as obras de MOTA (2008/2012). A obra de Santos (2017, p. 90-97) traz o relato transcrito do Imperador II sobre os Campos do Paiquerê. Na tese de Weber (2021) há um mapa de 1908 que traz os campos do Paiquerê.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campo-mourao/panorama>. Acesso em: 19/05/2021.

^{iv} Para compreender como a escrita da história é elaborada e os elementos que a organizam: recorte cronológico, recorte espacial, especialidade, tema, orientação teórica, problematização, metodologia e bibliografia pertinente. Sugere-se a obra de Mello (2022), consta na referência.

^v “Edmundo Mercer e Coelho Júnior contribuíram para a formação do Distrito de Campos Mourão [...]. Era um imenso território, então desconhecido e ignorado pelos grandes centros” (Duarte, 2017, p. 60).

^{vi} O conceito de Idade de Ouro e herói/Salvador podem ser identificadas e desvendadas “tanto no nível da linguagem, quanto das imagens, no nível dos símbolos assim como no das ressonâncias afetivas”. (p. 12)

^{vii} Muitas das afirmações sobre a perspectiva da historiografia local sobre a história da cidade são resultado de reflexões apresentadas na tese de Weber (2021), citada anteriormente.

^{viii} Essas informações repetem-se nas outras obras como de Simionato, 1996; Veiga, 1999 e Santos Jr, 2005.

^{ix} Em relação ao festejar, os desfiles que ocorrem na cidade em comemoração ao aniversário do município podem se tornar interessantes fontes de pesquisa.

^x No ano de 1948, circulavam na cidade apenas três veículos, nove caminhões e dois ônibus. Porém, o tráfego de carroças era intenso, cerca de 183 (SANTOS JÚNIOR, 2018, p. 186).

^{xi} A vinda da energia elétrica em 1950 trouxe melhorias significativas para a região e colaborou para o progresso do município (SANTOS JÚNIOR, 2018, p. 27-33)

^{xii} Outras informações a respeito primeira escola, formas de deslocamento, estradas, primeiro veículo podem ser encontradas em Simionato (1999, p. 18). Na terceira edição do livro de Simionato (2008) há um capítulo somente sobre a criação de escolas em Campo Mourão.

^{xiii} Para maiores informações sobre as primeiras atividades consultar Simionato (2010, p. 57); Santos (1995, p. 108); Veiga (1999, p. 31-32).

^{xiv} A tese já citada anteriormente discute temática próxima e disponibiliza na referência bibliografia que discute sobre a colonização em Campo Mourão.

^{xv} Leituras a respeito da presença dos Kaingang no território hoje mourãoense podem ser feitas nos livros de Mota (1994, 2008), consta na referência.



^{xvi} Praticamente em todos os livros encontra-se referência a participação do Capitão Índio Bandeira na história de Campo Mourão. Mais especificamente em Brezezinski (1975, p. 39-40); Simionato (1996, p. 17); Veiga, (1999, p. 82-84); Duarte (2017, p. 89), dentre outros.

^{xvii} Dois livros podem ser usados como fontes de estudo Santos J. (2005) e Moraes e Simionato (2007), consta na referência.

^{xviii} Outro livro homenageando as mulheres heroínas: Radke (2008), consta na referência.

^{xix} “Arroz começa a ser plantado, fabricação de queijo e a carne de porcos começam a circular cada vez mais” (SANTOS JUNIOR, 2018, p. 101).

^{xx} Fonte de Simionato (1996, p. 35 e 37): IBGE Sinopse. Estatística do Município de Campo Mourão 1950. p: 7.1 Animais existentes no ano de 1948: Espécies Bovinos, 5.000 cabeças; equinos, 1.800 cabeças; suínos, 150.000 cabeças; caprinos, 1.800 cabeças; patos, marrecos e gansos, 2.000 cabeças e muars, 1.800 cabeças. .

^{xxi} Sobre as atividades econômicas locais consultar Simionato (1996, p. 36-37), consta na referência.

^{xxii} Outras informações a respeito primeira escola, formas de deslocamento, estradas, primeiro veículo podem ser encontradas em Simionato (1999, p. 18).

